

Comentários sobre

A Mensagem de Silo

e Testemunho de Experiência Relacionada à Beleza

José Roberto Freire

Inverno/2018

A Mensagem de Silo - Sala Sul de Minas

roberto.7freire@gmail.com

A Beleza por referência

Há certas **experiências**¹ espirituais que me fazem suspeitar sobre a existência de um sentido e um **modo novo de ver a realidade**. **Raras vezes percebo o real de um modo novo e, então, compreendo que o que se vê normalmente se parece com o sono ou se parece com o semissono**. Quando uma experiência como essa acontece, sempre **agradeço imediatamente** e profundamente pelo vivido. Já nos momentos difíceis, não deixo passar a necessidade de solucionar algo realmente importante sem fazer um **Pedido** interno. Então, recordo o caminho interno que me leva ao encontro com esses registros luminosos guardados no coração e, dali, peço pelo melhor desenlace para as situações difíceis vivenciadas por mim ou por alguém próximo. Sinto que há no **Pedido** e no **Agradecimento** uma forma de aprender a **dirigir ou concentrar a força**.

“(...) Há uma forma real de estar desperto: é a que tem me levado a meditar profundamente sobre o que foi dito até aqui. (...)”

Em relação ao agradecimento, sempre agradeço internamente e, às vezes, também tomo nota dessas experiências em um caderno para me certificar de que ali tenho fontes fidedignas sobre as quais posso pensar mais adiante. A experiência é veloz, enquanto o pensar sobre ela, no meu caso, é lento e carece de tempo. Por isso, ao tomar nota e agradecer no mesmo instante ou imediatamente, consigo conferir um maior grau de certeza por experiência daquilo que estou vivenciando e registrando naquele instante. São experiências muito breves e, se deixo pra agradecer ou anotar depois, já não é mais a mesma coisa. Fica lugar à sombra da dúvida, e pensar com dúvida não é o mesmo que pensar com o testemunho de algumas evidências. A **Suspeita do Sentido** é para mim esse raro momento em que percebo o real de um modo novo, por isso valorizo ao máximo esses instantes, agradecendo, tomando notas, testemunhando, pensando sobre o ocorrido e tentando extrair consequências para minha vida.

Foi depois de reunir algumas experiências escritas em um caderno que comecei a perceber que havia algo em comum entre elas, uma espécie de fio condutor que liga todos os momentos de inspiração espiritual, algo que relaciono com a Beleza da Inspiração Espiritual que, às vezes, **desperta** em mim **um modo novo**

¹ As palavras destacadas em **NEGRITO** são referências extraídas de “**A Mensagem de Silo**”, que consta de três partes: o Livro, a Experiência e o Caminho. O **Livro** já é conhecido faz tempo como “O Olhar Interior”. A **Experiência** está proposta através de oito Cerimônias capazes de produzir inspiração espiritual e mudanças positivas na vida diária. O **Caminho** é um conjunto de reflexões e sugestões. (Disponível em www.silo.net).

de ver, revelando um novo sentido que antes eu não percebia. É **A Suspeita do Sentido** da vida.

“...Segue o modelo daquilo que nasce...”

A **Experiência** mais recente que tenho anotada no caderno é algo que **tem me dado o que pensar** e é, além disso, a que me levou a relacionar minhas anotações anteriores com a Beleza. Os pensamentos que se sucederam depois dessa experiência não partiam de uma mera curiosidade, senão de uma **real necessidade** de compreender em profundidade aquilo que eu acabava de vivenciar e todo o anterior que tinha anotado. A bela verdade é que ainda não tenho um entendimento claro e profundo ao ponto de extrair uma **evidência** definitiva para minha vida. Tudo o que tenho é uma **suspeita** e, se é que existe alguma beleza nesse desentendimento com a luz da verdade, é que, assim, enquanto não tenho tudo claro, surgem algumas perguntas que me colocam em situação de buscar uma resposta. A suspeita do sentido coloca em meu horizonte essa “beleza de ser um eterno aprendiz”, e é a partir desse espírito que decidi compartilhar esse testemunho junto com alguns pontos de vista, a título de comentário e intercâmbio relacionado a questões fundamentais como: **Ação e Reação da Força, O Guia do Caminho Interno** (modelo profundo), **A Dependência**, Paisagem de Formação, **Perda e Repressão da Força, Não Violência, Reconhecimento do Sagrado** e o Nascimento de uma Nova Espiritualidade.

Essas são algumas questões sobre as quais tenho meditado em **uma humilde busca** e sem pressa, depois de ter vivido esta experiência:

Estava a caminho da Sala da Mensagem de Silo no Sul de Minas. Enquanto caminhava em direção à Sala, parei um instante para admirar uma árvore coberta de flores cor laranja. Sigo adiante no caminho, chego à Sala e, após uma experiência de **Bem-estar**, a seguinte frase começou a ecoar em meus pensamentos: “segue o modelo daquilo que nasce”. Essa frase vem do livro *Humanizar a Terra* (“A Paisagem Interna”, Capítulo I: A Pergunta):

“1. A Pergunta²

1. Eis aqui a minha pergunta: à medida em que a vida passa, cresce em ti a felicidade ou o sofrimento? Não peças que defina estas palavras. Responde de acordo com o que sentes...

2. Ainda quando sábio e poderoso, se não

² SILO, *Humanizar a Terra* (disponível em www.silo.net)

crecem em ti e em quem te rodeia a felicidade e a liberdade, rejeitarei teu exemplo.

3. Aceita, em troca, minha proposta: segue o modelo daquilo que nasce, não o do que caminha para a morte. Salta por cima de teu sofrimento e então, não crescerá o abismo, mas sim a vida que há em ti.

4. Não há paixão, nem idéia, nem ato humano que possa se desentender do abismo. Portanto, trataremos do único que merece ser tratado: o abismo e aquilo que o ultrapassa.”

Saí da Sala muito reflexivo depois dessa experiência de **Bem-estar** e, **caminhando** com essa frase em meus pensamentos, decido voltar ao lugar onde estava a árvore, queria vê-la de perto. Chego ao lugar e fico observando-a por uns instantes, me dou conta de que não é a flor que havia me atraído, mas sua Beleza, e a Beleza que eu atribuí àquela flor se completou com a frase em meus pensamentos. Para mim estava ficando claro que ali havia um modelo daquilo que nasce. Isso foi um instante de inspiração que me levou a meditar sobre essa frase por vários dias. Por um instante parecia ter compreendido o **plano** daquela flor no **caminho**.

Em tudo que existe vive um plano

Na primavera, a substância ativa se desloca do interior da matéria, dirigindo-se à parte mais externa. **Segue por um corredor estreito e sinuoso** até aflorar, toma forma, cor, odor... torna-se flor que guarda em seu interior o néctar, a vida. *A substância sob a forma* da Beleza (dito do modo Aristotélico) estabelece novas relações com seu meio imediato, a flor dá início a uma nova relação da planta com o seu meio, *habitat*. Ao redor dela surgem os polinizadores e tem início uma relação de complementação, uma relação de “amor”(?) na qual os polinizadores aderem à uma forma de “beleza”(?) que exerce sobre eles uma força de atração irresistível para o processo da fertilização, de procriação, **uma força que não encontra resistência a sua passagem**: é a irradiação da vida e da beleza.

Dizer que a beleza da flor é um modo de relação da substância com o meio em que ela vive equivale dizer que outros eram os modos utilizados pela vida vegetal para seguir sua locomoção e expansão enquanto, seguindo uma genealogia da

natureza até os tempos primordiais, não havia surgido ainda outros seres viventes capazes de cumprir a função de polinização. A vida vegetal reinava soberana sobre a face da Terra. Na polinização pelo vento, por exemplo, algumas plantas prescindem da existência de uma abelha para dispersar o pólen e, nesse caso, por exemplo, no lugar da “beleza” surge a forma da “leveza” para tomar impulso através do vento (caso de algumas gramíneas). A origem da beleza, no caso da flor, marca portanto o início dessa relação entre mundos na qual o vegetal passou a coexistir com outras formas de vida não vegetais. A flor em sua origem marca esse período de surgimento dos primeiros animais em condições de cumprir essa função de polinização. Seguindo essa genealogia, também é possível saber que essa relação teve início entre as polaridades do frio do inverno e o calor do verão. A primavera ocorre na transição do frio para o quente, enquanto o outono marca uma transição no sentido oposto, do quente para o frio. Se reduzida a uma representação gráfica, diria que a Beleza nasce do entrecruzamento desses dois eixos opostos entre si, verão e inverno (quente e frio).

“...Uma intenção evolutiva dá lugar ao nascimento do tempo e à direção deste Universo. Energia, matéria e vida evoluem para formas cada vez mais complexas. Quando a matéria começa a se mover, nutrir e reproduzir surge a vida...”³

As formas da “beleza” multiplicaram-se sem cessar, seguindo sua evolução, desde uma substância primordial, evoluindo para formas cada vez mais complexas. E quanta beleza e amor residem no fato de que a natureza tenha gestado durante milênios as condições que dariam origem às outras formas de vida, (a nossa vida inclusive), como uma gestação de uma Grande Mãe. Ao observar esse acúmulo de condições primordiais que reuniam em si os elementos essenciais para o florescimento da vida, algo dessa intenção evolutiva fica manifesto, um Amor Maior precede o surgimento da vida.

Visto desse modo, a mãe-natureza é uma Grande Mãe, não apenas porque ela gestou as condições objetivas para o surgimento e crescimento de nossa vida física, fornecendo os alimentos, os nutrientes, o ar que respiramos, a água... mas também porque foi a partir dela que começamos a observar o sentido, o plano que vive em tudo que existe e estabelecer novas relações. Foi a partir da observação dos ciclos de nascimento, crescimento, morte e renascimento das plantas que estabelecemos uma relação mística com a natureza. Essa é a *genealogia do pensamento relacional*, essa forma de pensar observando **O**

³ Anexo do livro “A Mensagem de Silo” impresso pelas comunidades d’A Mensagem de Silo no Brasil em 2002.

Plano que vive fora de mim e *relacionando-o*⁴ com minha própria vida. A observação desses ciclos pelos povos antigos moldaram uma espiritualidade ligada à vida e a natureza.

Qual é o **Plano** vivente na minha existência? Qual é o **Sentido da Vida**?

Em síntese, em tudo que existe vive um plano, a observação do plano vivente na natureza forneceu os primeiros modelos para a superação da morte, para a transcendência, **nutriu nossas melhores aspirações** na busca pela imortalidade...

O campo e a cidade

“Se para ti estão bem o dia e a noite, o verão e o inverno, superaste as contradições.”

Foi desse modo que me aproximei às origens da vida no campo, e desse contato com a natureza é que o contraste de paisagens entre o campo e a cidade (onde vivo) começou a ficar muito mais claro para mim. Isso teve início quando comecei a peregrinar no sul Minas Gerais, na serra da Mantiqueira. Não se trata apenas do contato com a natureza, mas todas as copresenças da vida no campo: as pessoas têm outro ritmo, outra forma mental, visão de mundo, valores como a amizade e a simplicidade, a paisagem humana do campo. Tudo isso atuando por contraste com a “minha paisagem” me fez rever minha própria forma de vida e o quanto a aceleração da cidade influi sobre esse modo de vida. A relação de **dependência** do meio em que vivo estava começando a ficar mais clara para mim. Essa necessidade de rever minha paisagem de formação a princípio não me pareceu tão fácil e tão óbvia, porque isso implica reconhecer os fracassos, e uma das dificuldades que aparece nesse reconhecimento é aquela tendência em dizer que aquilo que não coincide com meu ponto de vista (com minha paisagem) é o que precisa ser mudado, é sempre o outro que está errado(?) e, de acordo com esse pré-julgamento, minha forma de pensar, sentir e agir está sempre certa e é, portanto, imutável(?). Agindo assim, por vezes saía feliz e voltava frustrado das peregrinações. **Sou variável e dependo da ação do meio. Quando quero o mudar o meio ou meu “eu”, é o meio que me muda. Então, busco a cidade ou a natureza, a redenção social ou uma nova luta que justifique minha existência... Em cada um desses casos, o meio me leva a decidir por uma ou outra atitude. Dessa maneira, meus interesses e o meio aqui me deixam.**

Finalmente me dei conta de que estava arrastando minha paisagem da cidade para o campo e que essa era a raiz do conflito. Precisava mudar meu olhar e aprender a ver de um modo novo porque aquela não era a “minha paisagem”, a

⁴ SILO, “*La madeja descubrirá el sentido*”, sobre o pensamento relacional, 1968.

visão de mundo a partir do campo é diferente. Esse modo novo de ver poderia descrevê-lo de uma forma bem simples: aquilo que antes eu percebia como um contraste tornou-se um complemento essencial, e a inauguração da Sala foi para mim um momento de síntese de todo esse processo de aprendizagem.

“Silo, Guia Espiritual

Ao redor de Silo há uma vida de relações, relações de amizade que nasceram, cresceram e dão frutos. A Sala é o fruto de uma ação entre amigos, uma ação solidária, coerente, uma ação válida com muito sentido e significado para nós. É um símbolo da amizade entre os povos à semelhança da imagem que temos do futuro, de um lugar para celebrar a amizade entre os povos, a querida imagem da Nação Humana Universal. “

(A Mensagem de Silo - Sala Sul de Minas - Síntese conjunta da inauguração)

Desse modo, aprendi por experiência e meditação o real sentido de uma “peregrinação”. Se para onde vou levo comigo minha paisagem, junto a ela o arrasto leva ao pré-julgamento. O arrasto de uma paisagem traz prejuízo à peregrinação, no sentido de que não se pode enxergar novos horizontes até que não abandone o caminho que ficou pra trás, e a **Reconciliação** é para mim uma experiência de **revelação interna**, que abre um novo horizonte para ser percorrido com liberdade. Essa compreensão ressoa com o recomendado no Guia do Caminho Interno: **“permanece em liberdade interior, indiferente ao devaneio da paisagem, conserva a resolução na ascensão”**.

Desse modo me aproximei do sentido da real peregrinação: seguir o modelo daquilo que nasce; as dificuldades do caminho como ponto de partida para as compreensões; saber Pedir; saber Agradecer; não arrastar paisagens; reconciliar-me; indiferente ao devaneio da paisagem, com liberdade interior e conservar a resolução na subida.

“Segue o modelo daquilo que nasce, não do que caminha para a morte...”

Se a Beleza segue o modelo daquilo que nasce, vejo no horror o modelo do que caminha para a morte. O horror é o signo do fim, daquilo que termina. **Se acreditas que tua vida termina com a morte, tudo que pensas sentes e fazes não tem sentido, tudo termina na incoerência, na desintegração.** O horror deforma as relações, é um molde deformado que replica o **sem-sentido** em tudo o que toca. Essa deformação vai encontrando adesão pelo reconhecimento às formas do horror e aumentando o mal-estar de um modo sistemático, no qual nossas atitudes ficam submersas diariamente, em uma espécie de uma doutrina do horror que tem fixado uma tendência ao negativo, envenenando a atmosfera social. **Por aí se desce mais e mais. Ali estão o Ódio, a Vingança, a Estranheza, a Possessão, o Ciúme, o Desejo de Permanecer. E, se desces mais ainda, invadir-te-ão a Frustração, o Ressentimento e todos aqueles devaneios e desejos que têm provocado ruína e morte na humanidade.**

Com aquela frase ecoando em meus pensamentos, “segue o modelo daquilo que nasce”, recorri ao livro **O Olhar Interior** para localizar o ponto de vista interno que corresponde a essa descrição da “Paisagem Interna” e, seguindo o caminho da livre interpretação, eis que me encontro com o ponto de vista da **Perda e Repressão da Força**, onde se evidencia o **signo destrutivo** já desde sua fonte de origem contraditória e os desdobramentos dessas contradições nas sociedades primitivas e nas atuais, em uma luta por suprimir a vida e a **beleza**.

Percebo o quanto a beleza e o horror se relacionam com as experiências de **reconhecimento**. As experiências de reconhecimento demonstram minha atitude frente a essa linha divisória entre a Beleza e o Horror, os registros da unidade e da contradição. Se o pior do outro não me é estranho, necessito aprender a **resistir à violência** dentro de mim mesmo para começar a perceber o melhor que há no outro. Vejo aí uma oportunidade para voltar a si por um momento e não me deixar levar mecanicamente pelo negativo que as circunstâncias impõem. Esse aprendizado é posto à prova constantemente. Quando surge uma situação aparentemente conflituosa, me vejo frente a uma oportunidade para aprender e exercitar essa nova atitude na qual a resolução dos conflitos não está colocada pela via do confronto e sim pela via da **compreensão em sua última raiz**, uma atitude que leva a reconciliação, uma atitude não violenta e persuasiva. A crueldade é gostar de ver o mal-estar e o sofrimento alheio ou de si próprio, mas se isso ocorre está claro que há um signo destrutivo atuando, enquanto o gosto pelo que é belo se traduz na bondade, na

⁵ A frase “a beleza e o horror” é uma referência textual extraída de SILO, “Mitos Raíces Universais”, Capítulo VI: Mitos Indianos (disponível em www.silo.net)

unidade interna, nos valores da não violência, em desejar o **Bem-estar** pra alguém que necessita e atuar em consequência desse bom desejo.

“Assim é que quero superar aquilo que, em mim e em todo homem, luta para suprimir a vida. Quero superar o abismo!

Todo o mundo a que aspiras, toda a justiça que reivindicas, todo o amor que buscas, todo ser humano que quiseses seguir ou destruir estão também em ti. Tudo o que mudar em ti mudará tua orientação na paisagem em que vives. De modo que, se necessitas algo novo, deverás superar o velho que domina em teu interior. E como farás isso? Começarás por perceber que, ainda que mudes de lugar, levavas contigo tua paisagem interna.”⁶

Essa relação da Beleza com o início e o Horror com o fim é algo rastreável na natureza, na gênese das religiões, nos mitos, na arte, na literatura... Em uma célebre frase: “a beleza salvará o mundo”,⁷ Dostoiévski sintetiza de forma belíssima essas polaridades, na fala de um de seus personagens. Entre a Beleza e o mundo, ele coloca a salvação como prelúdio de um fim que se aproxima. O horrível fim não está dito na frase, mas aparece subentendido nessa ideia da salvação, e a Beleza, nesse caso, é a ênfase no melhor do outro, é o juízo que absolve, é o belo horizonte mais adiante de todo aparente fim (do horror). Desse modo, ele conseguiu referir-se ao horror tomando a Beleza por referência. Convive com o horror, mas a importância está no que é Belo e, assim, o personagem central da trama oferece uma resistência persuasiva à tendência negativa de seu mundo e, ao fazê-lo, ele demonstra em suas atitudes a opção pela Não Violência. Dostoiévski e Tolstói (com sua fórmula que promulga a supremacia do amor e “o não emprego da violência frente à maldade”⁸) ressignificaram a ação. Por trás desses conceitos, está um novo significado que já não reconhece “a violência como parteira da história”, ou seja, o signo destrutivo da violência justificado como um mal necessário para a mudança do estado de coisas. Longe de uma via contemplativa, essas ideias frutificaram nos movimentos sociais liderados por Gandhi na Índia e Martin Luther King nos EUA. Todos eles tinham em comum o desenvolvimento espiritual conectado à ação no mundo. Dostoiévski e Tolstói colheram os frutos da espiritualidade hesicasta, Gandhi se nutria da Ahimsa, e Martin Luther King foi pastor protestante da Igreja

⁶ SILO, *Humanizar a Terra*, "A Paisagem Humana", Capítulo IV (disponível em www.silo.net)

⁷ DOSTOIÉVSKI, Fiodor, *O Idiota*, São Paulo: Editora 34 (3ª Edição), páginas 428 e 588

⁸ SILO, *Dicionário do Novo Humanismo*, "Não Violência" (disponível em www.silo.net)

Batista. No caso desses grandes exemplos é a Beleza da inspiração espiritual que moveu suas histórias de resistência não violenta.

Nas comunidades d'A Mensagem de Silo, o **Reconhecimento** é também uma experiência **de inclusão na comunidade, realizada a pedido das pessoas que desejam se incluir ativamente na comunidade. Nessa cerimônia se expressa um compromisso pessoal e conjunto para trabalhar pela melhoria da vida de cada um e da vida do próximo**, onde cada um tem a possibilidade de se reconhecer como Mensageiro.

A atitude não violenta revela um aspecto importante do desenvolvimento espiritual. Um dos sintomas da desnutrição espiritual é o temor, e uma das características dos ativistas da não violência é justamente o destemor frente às forças a serviço da repressão, do horror. Aprender a resistir à violência é para mim o fundamento de um trabalho de fortalecimento espiritual que requer a superação dos temores. A resistência justa e não violenta é uma resistência por meio de uma ação justa que tem por **Princípio** a Ação Válida e métodos não violentos (entendo por ação justa a "Ação Válida"⁹ e por ato justo o "Ato de Unidade Interna"). **Consagramos a resistência justa contra toda forma de violência física, econômica, racial, religiosa, sexual, psicológica e moral.** Aprender a resistir à violência dentro e fora de mim. **Se impulsionas teu ser em direção luminosa encontrarás resistência e fadiga a cada passo...** É um trabalho de fortalecimento interno, de experiência e meditação.

*"Eis aí os grandes inimigos do homem: o temor à enfermidade, o temor à solidão, o temor à morte... Todos esses são sofrimentos próprios de tua mente, todos eles denunciam a violência interna, a violência que há em tua mente."*¹⁰

Sendo Mensageiro é que comecei a experimentar que é possível resistir à violência, **aprendendo a reconhecer os signos do Sagrado dentro e fora de mim.**

Em uma das experiências de aprendizagem mais sagradas que já vivi, pude mudar o signo destrutivo de um acontecimento relacionado à morte. Essa é uma daquelas experiências que guardo no coração com um agradecimento profundo.

⁹ SILO, *A Mensagem de Silo*, "O Livro": O Olhar Interior, Capítulo XIII, Os Princípios: "(...)Eis aqui os chamados "Princípios" que podem ajudar na busca da unidade interior (...)"

¹⁰ Trecho extraído da primeira intervenção pública de Silo, conhecida como "A Cura do Sofrimento", realizada no dia 4 de maio de 1969, em Punta de Vacas, região localizada na Cordilheira dos Andes, próxima ao monte Aconcágua (texto completo disponível em www.silo.net).

Aconteceu quando meu pai José morreu e, afortunadamente, pude acompanhá-lo com a **Assistência**. No exato instante de sua morte, senti uma Alegria Imensa, uma **Evidência** de que o signo da morte havia se convertido em algo Belo, e pude aprender a rir de felicidade por ver a Beleza em um momento em que havia sido educado durante toda a minha vida para me horrorizar e chorar de tristeza. Sim, é possível aprender a resistir à violência dentro e fora de mim a partir da experiência de reconhecimento dos signos do sagrado.

O nascimento de uma nova espiritualidade

Uma nova espiritualidade está nascendo e seguindo o modelo daquilo que nasce. Vejo na Mensagem de Silo as diferentes formas da Beleza surgirem da livre interpretação do livro, em que cada qual aprende a reconhecer os signos do sagrado por sua própria experiência interna e meditação interna.

O bom conhecimento:

A dor e o sofrimento que nós, seres humanos, experimentamos retrocederão, se avançar o bom conhecimento, não o conhecimento a serviço do egoísmo e da opressão.

O bom conhecimento leva à justiça.

O bom conhecimento leva à reconciliação

O bom conhecimento leva, também, a decifrar o sagrado na profundidade da consciência.

Em uma interpretação livre da Mensagem de Silo, percebo que preciso dar ouvido a esse chamado para não ficar no superficial, tentar ir além, aprender sem limites e compreender na profundidade da consciência as coisas importantes para a vida e o além da vida. É o que tenho aprendido com **O Livro, A Experiência e O Caminho**.

Quando, na grande cadeia montanhosa, encontrares a cidade escondida, deverás conhecer a entrada...

Se a Beleza segue o modelo daquilo que nasce, será o nascimento espiritual a Beleza de não morrer jamais? Daquilo que transcende a morte? De qual lugar no interior do crente vem a visão do Paraíso? (Para citar um exemplo da paisagem cristã...) E as outras visões de outras paisagens, de outras culturas? Cada qual representa a entrada nesse mundo mítico a partir da paisagem em que foi formado. Essa visão de uma cidade escondida que guarda um ideal de Beleza para além da morte, essa bela imagem, esse belo horizonte pode ser visto de diferentes pontos de vista, do mais externo (como um ideal meramente estético e mais sujeito aos altos e baixos, avanços e retrocessos) ou, se essa

imagem for algo pelo qual alguém se sinta profundamente atraído, poderá ser levado por ela ao interior do coração e começar a ver no mundo uma causa além da estética. A Beleza que comove é a que chega mais profundamente no coração. O *amor à beleza* comove e inspira ver e fazer coisas belas no mundo. **Começaremos uma vida nova. Buscaremos em nosso interior os signos do sagrado e levaremos a outros nossa mensagem.** A observação da Beleza me ensina a ver e a compreender a realidade de um modo novo.

“Quando se falou das cidades dos deuses, às quais quiseram alcançar numerosos heróis de diferentes povos; quando se falou de paraísos, em que deuses e homens conviviam em original natureza transfigurada; quando se falou de quedas e dilúvios, foi dita uma grande verdade interior.

Depois os redentores trouxeram a Palavra e chegaram a nós em dupla natureza para restabelecer aquela nostálgica unidade perdida. Também, então, se disse uma grande verdade interior.

No entanto, quando se disse tudo aquilo, colocando-o fora da mente, errou-se ou se mentiu.

Inversamente, o mundo externo, confundido com o olhar interior, obriga este a recorrer novos caminhos.

Assim, hoje voa até às estrelas o herói desta idade. Voa através de regiões antes ignoradas.

Voa para fora de seu mundo e, sem sabê-lo, vai impulsionado para o interno e luminoso centro.”

A Mensagem representa para mim uma porta de entrada para esse mundo mítico, um mundo que **guarda o feito e o por fazer**, guarda as coisas belas e importantes e tudo o que tenho de mais sagrado, um mundo espiritual. Eis aqui uma das formas da Beleza onde cada qual está em condições de saber reconhecer a entrada em seu espaço sagrado. Essa é a entrada em um mundo

mítico. A experiência e a meditação me trouxeram até aqui, até a entrada dessa **cidade escondida**... Cada lugar, cada paisagem, cada cultura configura sua entrada, e **o Guia do Caminho Interno** leva ao profundo modelo que dá lugar ao nascimento espiritual. Te leva até lá e deixa que você saiba reconhecer por si mesmo, em sua paisagem interna, o que de mais profundo representa essa entrada na cidade da luz. Nesse sentido, o Guia do Caminho é universalista e corresponde ao signo dos novos tempos, traduz uma espiritualidade que coloca **o ser humano como máximo valor**.

Anexos

Um sonho inspirador: O Olhar, o Mirante, a Paisagem e o Belo Horizonte no Caminho interno do Peregrino.

“Aprende a reconhecer os signos do sagrado em ti e fora de ti.”¹

O cair da tarde pinta de dourado as nuvens no horizonte. Caminho por uma rua que me parece familiar, olho esse belo horizonte à minha frente, que reconheço como sendo o mesmo que avistei enquanto peregrinava em direção à Sala da Mensagem de Silo em Paraisópolis.²

Continuo caminhando em direção ao consultório médico. Vim à cidade para consultar um oftalmologista. Chego ao consultório e sou atendido por um médico muito jovem que prontamente me pede para relatar o que sinto.

Começo dizendo que sinto muita dor nos olhos e que o alcance de minha visão está diminuindo, ficando cada vez mais curto. Termino o relato dizendo-lhe o quanto tem sido difícil me orientar em ambientes com pouca luz e o quanto meus olhos ardem pelo esforço que tenho que fazer para enxergar as coisas distantes nesses ambientes.

Ele me ouve e me observa atentamente, olhando-me fixamente nos olhos para examinar. Depois de algum tempo examinando se dirige a mim dizendo não saber o que fazer. Em seguida, pede que o espere enquanto ele chama alguém para ajudá-lo.

De minha parte, não sinto nenhum incômodo com a resposta do médico, atendo ao seu pedido: esperar pela ajuda que virá.

Sou convidado a acompanhar uma pessoa, entro em um veículo e sou conduzido por várias ruas da cidade até chegarmos a um lugar fora da cidade (paisagem rural). Paramos em frente a uma casa, desço do carro e sou recebido por um garoto muito jovem que imediatamente me mostra o que parecem ser as vísceras de algum animal morto. Em seguida, ele me diz que devo tomar as vísceras em minhas mãos e explica que esse procedimento é necessário para afastar os cães

que estão por perto. Recomenda-me que faça o procedimento para poder entrar na casa.

Começo a sentir náusea e termino com uma forte repulsa visceral pelo asco que o horror da imagem me produz. Desvio o olhar e sinto resistências para fazer o que ele me pede. Sinto-me detido entre a repulsa visceral e o temor aos cães (os impedimentos: físico e mental).

Depois de algum tempo observando meu estado, ele decide me ajudar, tomando em suas próprias mãos as vísceras e afastando-as do caminho. Agradeço-lhe e seguimos adiante.

Apesar das dificuldades, sinto-me acompanhado por boas pessoas, a maioria de pouquíssima idade (um signo dos novos tempos), com as quais nunca havia estado antes, mas todas com características de bons conselheiros: bondade, sabedoria e força. Além disso, há um impulso de compaixão nas pessoas do lugar. Na atitude das pessoas transparece uma vontade sincera de querer ajudar o próximo, por isso recebo as recomendações que me chegam com agradecimento, sem dar lugar a dúvidas e apreensões de nenhum tipo. Sinto-me entre amigos.

Entramos na casa, enquanto sou observado por alguém que me olha da janela. Dentro da casa somos recebidos por um senhor alto, de meia idade, apoiando-se em uma bengala.

Caminho em direção à janela e vejo algo que me impacta: a mais bela imagem que meus olhos já presenciaram, um céu estrelado como nunca vi.

As constelações se alinharam desenhando um enigma no céu, linguagem cifrada dos poemas, das letras sagradas, da obra-prima de arte, dos mitos, dos sonhos... O desenho parece ser de um mapa (O Plano), um mapa revelado por enormes estrelas imóveis cravadas no firmamento-azul-profundo-do-céu. Fico tentando decifrar o significado daquela imagem, contemplo o céu como se o visse pela primeira vez. Nesse momento, começo a ouvir, na casa, uma música que gosto muito e que tem muito significado para mim: a nona sinfonia. Sou tomado por uma comoção e começo a chorar comovido diante de tanta Beleza.

(Barítono e Coro)

" Alegria, formosa centelha divina,

Filha de Elísio,

Ébrios de fogo penetramos

Em teu santuário celeste!..." ³

A alegria contagiante da música se expande para fora da casa e se funde com a imagem do céu estrelado. Fixo a atenção na direção sudeste do "mapa", onde um grupo de estrelas começa a se mover como aves no ombro de Órion. Chamo

meus amigos para verem aquela imagem extraordinária. As estrelas se aproximam de nós convertidas em aves feitas de um metal vivo e reluzente, começam a girar em uma “dança de matizes que se funde com a música”⁴. Em sua dança formosa desenham uma espiral reluzente no céu (A Noite Estrelada de Van Gogh).



Nesse estado de espírito, “sinto que o céu vive como se fosse parte de mim”, sinto uma comunhão perfeita com tudo. Um estado de Paz, Alegria e Fortalecimento.

“E também tenho vivido essa sensação sem tempo em que meus olhos parecem não existir, porque veem tudo com transparência, como se não fossem os olhos do olhar diário, aqueles que turvam a realidade. Sinto que tudo vive e que tudo está bem, que a música e as coisas não têm nome e que nada verdadeiramente pode designá-las.”⁴

A espiral se funde e se converte em uma única ave que voa em nossa direção, entra pela janela e pousa sobre um móvel da casa, convertendo-se em um objeto imóvel, uma ave majestosa que toco maravilhado. Nesse momento meus amigos voltam aos seus afazeres, enquanto continuo ali refletindo.

Saio da casa pela janela para olhar-o-mundo daquele mirante.⁵ Ainda não é dia, e fico observando o horizonte em um estado de espera (a Esperança), com o olhar compenetrado na escuridão, à espera de algum princípio de luz que indique o alvorecer do dia.

A casa fica em um platô cravado na parte média de uma colina. Fora da casa, fico refletindo, intuindo que a Beleza projetada no mundo por obra-prima daqueles grandes artistas e poetas, não vinha senão da visão daquele céu. Eles tinham um céu extraordinário para contemplar e inspirar-se, coisa que é difícil de ver na cidade em que a luz artificial ofusca com violência o brilho das estrelas, não sendo possível vê-las desse modo como se revelam no aterrador silêncio do campo.

Volto para o interior da casa e encontro os amigos preparando uma comida muito saborosa. Ofereço ajuda nas tarefas de preparação dos alimentos. Ponho-me de pé, resoluto, em um estado de espera, paciente e com fé, pelo alvorecer do dia e o belo horizonte que se erguerá depois dessa noite transfigurada.

¹ Trecho extraído do livro *A Mensagem de Silo*, “O Caminho”.

² Cidade de Paraisópolis, Sul de Minas Gerais. Localização da Sala Sul de Minas da Mensagem de Silo, na Serra da Mantiqueira. Lugar muito inspirador, relacionado à busca e a inspiração espiritual.

³ A nona sinfonia de Beethoven incorpora parte do poema *An die Freude* (À Alegria), uma ode escrita por Friedrich Schiller, com texto cantado por solistas e um coro em seu último movimento (fonte: Wikipedia).

⁴ Trecho da Experiência “O Festival”, do livro *Experiências Guiadas*, de Silo (disponível em www.silo.net).

⁵ Sobre o conceito de olhar o mundo a partir de uma paisagem, a seguir um trecho extraído do livro *Fala Silo*, na ocasião em que foi apresentado o livro *Humanizar a Terra*, no Centro Escandinavo, em Reykjavik, Islândia, em 13 de novembro de 1989 (disponível em www.silo.net):

“(…) Mas o conceito tem mais amplitude, já que a paisagem não é somente o natural que aparece diante dos olhos, mas também o humano, o social. É certo que cada pessoa interpreta as outras segundo sua própria biografia e põe no que lhe é alheio mais do que percebe. De acordo com isso, nunca vemos da realidade do outro o que o outro é em si, mas formamos do outro um esquema, uma interpretação surgida da nossa paisagem interna. A paisagem interna se sobrepõe ao externo que não somente é natural, mas também social e humano. Claramente ocorre que a sociedade muda e que as gerações se sucedem e, então, quando a uma geração compete atuar, ela o faz tratando de impor valores e interpretações formados em outra época. As coisas vão relativamente bem em momentos históricos estáveis, mas em momentos como o atual, de grande dinâmica, a distância entre as gerações se acentua, ao mesmo tempo em que o mundo muda debaixo dos nossos pés. Para onde irá nosso olhar? O que devemos aprender a ver? Não é estranho que nesses dias se popularize a ideia de “nos dirigirmos a uma nova forma de pensar”. Hoje temos que pensar rápido porque tudo vai mais rápido e o que acreditávamos até pouco tempo atrás, como se fosse uma realidade imutável, hoje já não é mais. Assim, pois, amigos, já não podemos pensar mais a partir da nossa paisagem, se esta não se dinamiza e universaliza, se não é válida para todos os seres humanos. Temos de compreender que os conceitos de “paisagem” e de “olhar” podem nos servir para ir ao encontro dessa anunciada “nova forma de pensar” que está exigindo este processo de mundialização crescentemente acelerado.”